

RESENHA

Franklin Ferreira

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 287 pp.

Atualmente, duas das principais áreas de debate nas faculdades de teologia e filosofia residem justamente na questão da epistemologia e da hermenêutica. E este problema se torna mais agudo para os cristãos. Como conhecer o que está além do mundo físico? Será que a Escritura é uma construção humana, um mero registro humano dos feitos de Deus, ou a revelação especial, graciosa e soberana, inspirada por Deus, acerca de si mesmo e da história da redenção? Mas temos um outro ponto-chave da controvérsia: como interpretar as Escrituras? Que método (ou chave hermenêutica) deve ser usado para interpretar as Escrituras, de tal forma a fazer justiça a um antigo texto, mas levá-lo a dialogar com a contemporaneidade?

Augustus Nicodemus Lopes, o autor de *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação*, é Ph.D. em Novo Testamento pelo Westminster Theological Seminary (Filadélfia, EUA), ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, atual chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, e autor de vários livros e ensaios acadêmicos e populares. O livro surgiu originalmente como uma apostila usada no curso de mestrado do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, na capital paulista.

Nessa obra, o autor analisa as principais etapas da interpretação das Escrituras, cobrindo desde a interpretação bíblica no Antigo Testamento até as interpretações pós-modernas, ligadas a Michel Foucault, Hans-Georg Gadamer, Jacques Derrida e Paul Ricoeur. Espelhando o melhor da fé reformada, logo no começo desta obra, o autor apresenta de forma clara e honesta seus pressupostos:

1. O livro foi escrito do ponto de vista reformado. Isto significa que seu autor reconhece a inspiração e infalibilidade das Escrituras e adota os princípios hermenêuticos utilizados pelos reformadores.

A BÍBLIA E SEUS INTÉRPRETES: UMA BREVE HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO

2. Este não é meramente um livro de história. Ao descrever os intérpretes da Bíblia e seus modelos hermenêuticos o autor faz uma análise dos mesmos à luz dos pressupostos acima.

3. O livro tem como um de seus alvos demonstrar que o método gramático-histórico é o que melhor se adapta ao caráter divino e humano das Escrituras. Somente uma hermenêutica que leve a sério a inspiração e infalibilidade das Escrituras, a historicidade dos relatos bíblicos e a intencionalidade dos textos em comunicar sentido proposicionalmente poderá abranger todos os aspectos envolvidos na interpretação de um texto divino e humano ao mesmo tempo. E o método gramático-histórico atende a estes requisitos.

4. O livro procura mostrar que embora existam semelhanças entre a hermenêutica praticada pelos autores bíblicos do Antigo e do Novo Testamento e o método gramático-histórico, devemos admitir o caráter especial da primeira devido ao fenômeno da inspiração divina (p. 7-8).

O autor abandona qualquer pretensão de neutralidade científica no trato com o texto bíblico – e também com a avaliação de seus intérpretes no decorrer da história da igreja, o que não desmerece a obra. Como disse Harold O. J. Brown:

O grande estudioso jurídico e filósofo cristão holandês, Herman Dooyeweerd sustenta que uma das tarefas principais do evangelista no mundo de hoje é “desmascarar a descrença que se faz passar por objetividade científica e erudita”. (...) Cornelius Van Til (...) desenvolveu a crítica essencialmente filosófica de Dooyeweerd numa direção teológica. Aceitando o argumento de Rudolf Bultmann de que “a exegese sem pressuposições é impossível”... [Van Til propôs “um argumento por pressuposto”. Esta abordagem reconhece que nenhum fato, histórico ou não, pode ser interpretado de maneira coerente sem o pressuposto do Deus Trino da Bíblia.] Avançamos a partir das *pressuposições* das Escrituras, através das *proposições* das Escrituras, até as *conclusões* das Escrituras. Isto, naturalmente, não é nem neutro nem objetivo. Tem, porém, dois argumentos tremendos a seu favor. Metodologicamente, não podemos esperar que sequer entendamos, e muito menos que aceitemos, a mensagem da Bíblia se impusermos sobre ela pressuposições estranhas. Devemos, portanto, permitir que nosso pensamento, pelo menos temporariamente, seja moldado pelas pressuposições da própria Escritura, simplesmente a fim de entendê-la. (“A opção conservadora”, em Stanley Gundry [ed.], *Teologia Contemporânea* [São Paulo: Mundo Cristão, 1987], p. 347, 354-355).

Então, como é observado pelo autor em sua apresentação, a não ser que sejam aceitas as reivindicações do Jesus histórico e sua interpretação de si mesmo, a possibilidade de qualquer conhecimento histórico se evapora. Os fatos da história e a interpretação bíblica dos mesmos são inseparáveis. É para esta questão central que os pressupostos do autor apontam.

O livro é dividido em três partes principais. Na primeira parte é justificada a interpretação da Escritura, partindo da premissa de que esta é uma obra

tanto divina como humana. Como livro humano estamos sujeitos aos distanciamentos temporal, contextual, cultural, lingüístico e autoral, e, enquanto livro inspirado por Deus, sofremos os distanciamentos natural, espiritual e moral. Partindo da inspiração e inerrância das Escrituras, nesta parte são debatidos os problemas que os aspectos humanos da Escritura levantam, tais como os erros dos escribas, a acomodação da linguagem e os problemas das traduções, entre outros. Ao final desta parte, o autor diz:

A dupla natureza da Bíblia provoca um distanciamento temporal e espiritual que precisa ser transposto, para que possamos chegar à sua mensagem. Porém, isso não nos isenta de buscarmos compreender de forma mais exata e completa a revelação que Deus fez de si mesmo. Com a graça de Deus, o estudo da interpretação da Bíblia feita pela Igreja Cristã e outros grupos através da história pode nos servir de auxílio oportuno para aprendermos com os erros e acertos dos que vieram antes de nós. Esse é o alvo deste livro (p. 29).

Na segunda parte é enfocada a interpretação do Antigo do Novo Testamento na antiguidade clássica. Nesta parte, especial atenção é dada aos autores do Antigo Testamento e às interpretações dos rabinos do antigo Israel, da comunidade do Mar Morto, de Filo de Alexandria e de Flávio Josefo. Os autores do Novo Testamento recebem a devida atenção nesta parte, com especial foco na interpretação que os mesmos fizeram de passagens do Antigo Testamento.

Na terceira parte, o autor aborda a interpretação das Escrituras na história da igreja. Esta é a maior seção da obra. Em dez capítulos, o autor aborda o intrincado labirinto da interpretação bíblica, em quase dois mil anos de história eclesial. Começando pelas escolas de Alexandria e Antioquia, são estudados os pais latinos (com especial atenção a Agostinho e Jerônimo), os intérpretes da Idade Média, os reformadores (com especial atenção a Lutero e Calvino), os escolásticos e os puritanos, a interpretação das Escrituras na modernidade e o impacto da pós-modernidade na interpretação da Bíblia (ao qual são dedicados três capítulos).

Estes capítulos são o ponto alto do livro. Além dos já citados Foucault, Gadamer, Derrida e Ricouer, o autor aborda o estruturalismo, a crítica da narrativa, a hermenêutica *reader response* (entre elas a “teologia da libertação” e as hermenêuticas feministas), o desconstrucionismo e a hermenêutica da suspeita. Por um lado, o que fica evidente é a erudição do autor da obra, mas, por outro lado, seu esforço por resumir de forma honesta e numa linguagem acessível conceitos e temas que são virtualmente herméticos, mesmo para iniciantes nas áreas de teologia, filosofia e sociologia do conhecimento. Esta unidade se encerra com um enfoque dos desafios atuais aos intérpretes bíblicos.

No final desta seção o autor explicitamente diz:

Um outro desafio para o intérprete bíblico é distinguir claramente entre os princípios hermenêuticos associados com a Reforma e aqueles das hermenêuticas

ABÍBLIA E SEUS INTÉRPRETES: UMA BREVE HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO

pós-modernas. Esse ponto se faz especialmente necessário quando as novas hermenêuticas são introduzidas nos seminários e igrejas brasileiras sob a alegação de que são, na verdade, extensões e expressões legítimas da hermenêutica reformada. É importante notar que muitas das ênfases das hermenêuticas modernas nada têm a ver com os princípios que controlam a exegese gramático-histórica defendida pelos Reformadores. (...) Qualquer conhecedor do seu capítulo I [da Confissão de Fé de Westminster] sabe por si mesmo que nada há de “reformado” nos postulados básicos das hermenêuticas pós-modernas (p. 250).

O livro se encerra com um apêndice intitulado “A lingüística e a hermenêutica bíblica: Diálogo e desafios para o intérprete do século 21”, de autoria de Roberto Basílio, atualmente pastor da Igreja Presbiteriana de Recife.

O livro traz uma bibliografia bem extensa. Por um lado, a opção do autor de não incluir infindáveis notas de rodapé ajuda a tornar a leitura mais leve, principalmente para estudantes iniciantes. Mas, numa segunda edição, que, esperamos, deve vir em breve, as referências bibliográficas poderiam ser distribuídas entre os capítulos, facilitando o trabalho de pesquisa e aprofundamento dos leitores. Uma grande vantagem que deve ser notada, e que só valoriza ainda mais a obra, é a presença de índices remissivos de assuntos e autores, o que tem sido raro no mercado editorial brasileiro.

O conhecimento dos meandros da história da interpretação bíblica por parte do autor é extenso, e se torna ainda mais evidente na sua tentativa de apresentar estudantes iniciantes de à uma disciplina que mais e mais vai se tornando hermética e elitista. Augustus Nicodemus Lopes prestou um valioso serviço para a comunidade teológica evangélica oferecendo uma história da interpretação das Escrituras bem escrita e atraente – que talvez seja, atualmente, o primeiro trabalho introdutório em história da hermenêutica disponível em português...e escrito no Brasil! É provável que se torne um texto padrão para seminários evangélicos, se tornando muito útil tanto na sala de aula como na igreja.